

Artigos

Reflexões sobre o ensino remoto durante a pandemia

Greyce Contini Pilati ¹

¹ Mestra em Matemática - PROFMAT, UEM.

✉ greycepilati@hotmail.com

Palavras-chave:

Ensino remoto.
Educação à distância.
Ensino;
Pandemia.

Resumo

O artigo se refere a um estudo de caso sobre a rotina de estudos de uma turma de 2º ano do Ensino Médio durante o ensino remoto ofertado como única possibilidade de aprendizagem escolar durante a pandemia de Coronavírus entre os meses de março de 2020 a julho de 2021, com o intuito de refletir se os alunos estavam preparados para enfrentar esse período com maior autonomia, se constataram melhoria, quais as maiores dificuldades e qual a relação com a modalidade de Ensino a Distância.

1 INTRODUÇÃO

O ano é 2020. Uma situação jamais imaginada no mundo contemporâneo ocorre. Escolas são fechadas devido à pandemia do Coronavírus (COVID – 19). Todo sistema presencial de ensino não pode continuar devido ao grande risco de transmissão dessa doença, que até o presente momento causou a morte de quase 5 milhões de pessoas no planeta.

Pouco se sabe sobre formas de tratamento da doença e a única forma de conter a transmissão é o isolamento social. Medida esta, de prevenção, adotada em muitos países para evitar o colapso dos sistemas de saúde, devido à grande taxa de internação e necessidade de leitos hospitalares com aparelhos respiratórios e UTIs.

Crianças e jovens do mundo todo passam do dia para a noite a estudarem na modalidade à distância, organizadas de maneira rápida e sem muito planejamento, para que estes pudessem continuar com sua caminhada escolar.

Mais da metade dos estudantes no mundo ainda enfrentam interrupções de aulas. O fechamento total das escolas ainda atinge 31 países; em regime parcial, outros 48. Em abril de 2020, no pior momento da pandemia, 190 nações fecharam suas instituições de ensino. (O GLOBO, 2021)

Muitos problemas foram enfrentados para que os estudantes mantivessem seu ritmo. Falta de tecnologia, despreparo para uso dos recursos e plataformas tecnológicas por professores e alunos, impactos psicológicos gerados pelo isolamento e perdas de familiares e falta de ritmo de estudo são alguns dos problemas que afetaram os estudantes nesse período de adaptações.

As dificuldades de pais ou responsáveis para orientar e apoiar os alunos nas atividades escolares estão entre os principais desafios enfrentados pelas escolas para a realização de atividades pedagógicas durante a pandemia COVID-19. É o que apontam 93% dos gestores escolares do Brasil, segundo a **pesquisa TIC Educação 2020 (Edição Covid-19 – Metodologia Adaptada)**. Os dados ainda indicam que a falta de dispositivos, como computadores e celulares, e o acesso à Internet nos domicílios dos alunos estão entre os desafios mais citados pelos gestores escolares (86%) (CETIC.BR, 2021).

Contudo, muitos avanços foram conquistados. Escolas receberam equipamentos, equipes gestoras e professores utilizaram redes sociais para se comunicar com os estudantes e suas famílias, houve produção de material impresso, aulas transmitidas pela TV, disponibilizadas na internet, gravadas ou em tempo real, utilização de plataformas para que o maior número de estudantes recebesse informações e conteúdo e não abandonasse o ano letivo.

Em 2021, aos poucos, com a vacinação da população no país aumentando e o cenário das mortes diminuindo as escolas na maioria das regiões brasileiras retomaram parte de sua rotina e voltaram com atendimento híbrido dos estudantes. Mas qual foi o impacto sentido por eles durante o tempo de educação remota? Quantos deles realmente permaneceram estudando e se mantiveram comprometidos? Quantos tiveram acesso e mesmo assim não o fizeram?

Este artigo propõe um estudo de caso com alunos que cursam o 2º ano do Ensino Médio em 2021 do Colégio Estadual Marechal Costa e Silva, de Cidade Gaúcha, para compreender como ocorreu a aprendizagem desses estudantes durante o período remoto e seus sentimentos quanto a isso, no período que ocorreu de março de 2020 a julho de 2021.

2 O ENSINO A DISTÂNCIA

A Educação a distância teve início no Brasil no século XX, mas mundialmente há registros de que no ano de 1800 ela já foi institucionalizada. Entretanto, somente no século XIX essa modalidade de ensino avançou significativamente devido aos meios de comunicação como rádio e televisão.

Sem dúvida alguma, após o surgimento da rede mundial de computadores, a internet e a popularização dos computadores o Ensino a distância alçou voos bem mais arrojados, e no Brasil, vem crescendo significativamente, principalmente no setor privado de instituições de Ensino Superior.

Parte dos estudantes que optam por esse tipo de modalidade, tem algumas particularidades e necessidades específicas que os impedem de frequentar o ensino regular presencial, além das novas demandas do mercado de trabalho.

A EAD não é nova, mas está crescendo exponencialmente devido ao surgimento da sociedade baseada em informação e da explosão do conhecimento. A sociedade demanda cada vez mais novas habilidades e conhecimentos por parte da força produtiva, assim como novos “produtos” do sistema (novas profissões, interdisciplinaridade, etc.). Somente a educação presencial não dá mais conta dessa demanda. (HERMIDA; BONFIM, 2006, p.167.)

Essas necessidades vão desde a distância geograficamente das Universidades, à flexibilidade do tempo por causa de diversos compromissos com trabalho e família, e a facilidade de ser acessado em mobilidade, não sendo estático.

Dados do Censo da Educação Superior de 2019, divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) apontam um crescimento vertiginoso dos cursos de EaD a nível de ensino superior privado, pois já representam 50,7% do total de estudantes nessa modalidade. Em uma década esses números superaram 300% de aumento, sinalizando cada vez mais a necessidade de preparo de profissionais que atuam no setor.

2.1 Educação a distância e o ensino remoto

Até 2019 a Educação Básica nunca tinha impetrado para os rumos da Educação a distância no que se refere aos estudantes do ensino regular, mesmo existindo essa possibilidade em lei para casos extremos. Até que em meados de 2020, na China, surge um vírus, que alastrou uma doença respiratória (COVID-

19) e provocou uma verdadeira desordem mundial, deixando países inteiros de quarentena, famílias isoladas por dias, semanas e até meses, na tentativa de não colapsar os sistemas de saúde, pois uma parte das pessoas afetadas necessitaria de cuidados em unidades de tratamento intensivo e não haveria condições de atendimento a todos se isso acontecesse com a velocidade exponencial que a transmissão viral era desencadeada.

No Brasil, mais precisamente no mês de março, após a Organização Mundial da Saúde declarar a pandemia do Coronavírus, foram fechadas escolas de ensino regular para evitar o aumento de contaminados, obrigando secretarias da educação a repensar a maneira como se daria a continuidade da oferta de ensino aos estudantes, enquanto cientistas do mundo todo se mobilizavam para encontrar alguma medicação ou desenvolver uma vacina que pudesse ser eficaz no tratamento ou profilaxia da doença em casos mais graves.

Diante deste cenário surge o ensino remoto como única opção para dar continuidade aos estudos de crianças e jovens de todo país. Com isso, muitas instituições chegaram a dizer que esta modalidade seria a mesma da Educação à distância, classificavam-na assim principalmente porque não existia a presença física dos estudantes nas instituições escolares. Justo a Educação a Distância, que até então era discriminada por muitos que a julgavam fácil e de pouco comprometimento do estudante, com convicções de que bastava realizar cópias e assistir vídeo-aulas que o conhecimento e a aprovação viriam facilmente. O Ensino remoto começou e a percepção das lacunas na aprendizagem logo foi percebida, pois em comparação com a modalidade à distância, esta não foi uma opção do estudante e exigiu um grande empenho dos profissionais da educação e das famílias para que ela realmente acontecesse, haja vista as diferenças de motivação, acesso tecnológico, interesse e autonomia dos estudantes.

O perfil do educando que busca um curso a distância mostra que há necessidade e relevância em sua busca pelo conhecimento, logo, mesmo que incipiente, há um fator motivacional primeiro e que deve ser aproveitado pelo educador de forma a envolvê-lo e comprometê-lo em movimento crescente na realidade de seu curso, importante relatar que nesse momento inicial é presente também a questão da solidão e a falta de estratégias eficientes que o conduzam no aprendizado, momento em que a função do orientador se evidencia aliada ao fato de também ser animador e facilitador desta busca. (FONSECA, 2010. p.14)

O Ensino a distância tem o aluno como centro do processo, como principal responsável pela construção de sua aprendizagem e precisa ser dinâmico, disciplinado, organizado. Será que os alunos da Educação Básica, acostumados com a modalidade presencial estariam preparados para de uma hora para outra assumir essa nova modalidade sem grandes prejuízos? É isso que vamos tentar discutir e refletir com um estudo de caso.

3 ESTUDO DE CASO

Para compreender o que os estudantes passaram nesse momento de isolamento e de aprendizagem remota foi selecionada uma turma de 2º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Marechal Costa e Silva – em Cidade Gaúcha que tinham um bom desempenho no ensino presencial. Esses alunos, já durante o ensino híbrido tiveram que responder a um questionário online sobre o período de aulas remotas, com as seguintes perguntas:

- Quantos dias da semana você estudava no período de aulas remotas?
- Quais meios você utilizou para estudar durante o período remoto?
- Você considera que estudou como no presencial, durante o tempo remoto?
- Quais motivos impediram que você mantivesse seus estudos na forma remota?
- Com a volta do modelo híbrido, qual foi sua maior dificuldade?
- Se pudesse optar, escolheria qual modalidade de ensino?

E por fim, era solicitado quais vantagens e desvantagens eles havia constatado nesse período de aulas remotas.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A turma do 2º ano analisada tem 37 alunos dos quais somente 1 deles realizava as atividades no modo impresso. Os demais tinham acesso através do aplicativo às atividades propostas para o período. Constatou-se que 35% dos alunos estudavam 5 ou mais dias da semana enquanto que 30% estudavam 3 ou 4 dias, 13% entre 1 ou 2 dias, enquanto que 22% não estuda em dia nenhum.

A maioria das aulas assistidas eram com os próprios professores da turma através de uma plataforma de videoconferência em tempo real, seguidas de aulas assistidas pelo YouTube oferecidas pela Secretaria da Educação.

Quase todos os estudantes que responderam a pesquisa concordaram em dizer que o seu empenho nos estudos diminuiu durante o período de aulas remotas. As principais justificativas para a falta de empenho foram: desinteresse, foco em outras atividades, preocupação com a pandemia e falta de equipamento adequado para o acompanhamento das aulas.

Dentre as principais queixas apresentadas na retomada dos estudos no modelo híbrido está a retomada da rotina com 39% e 26% a de acompanhar o conteúdo das aulas, 30% responderam que não tiveram dificuldade e 5% alegaram outros motivos. Ainda sobre o retorno, 90% dos estudantes disseram preferir o ensino presencial, enquanto que os modelos híbrido e remoto tiveram 5% cada.

Vantagens do ensino remoto apontada pelos estudantes: flexibilidade de horário para realizar as atividades, não precisar sair de casa, não havia necessidade de copiar o conteúdo, uso de ferramentas novas pelos professores.

As desvantagens destacadas por eles foram: falta de um local apropriado para estudar, pois em casa tinham várias distrações e outros afazeres, conexão ruim, equipamentos de baixa qualidade, ou de conhecimento de uso de tecnologias, além da falta de organização e de regularidade dos estudos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse período de ensino remoto, as dificuldades apresentadas por estudantes e professores durante o isolamento nos leva a várias reflexões. O Ensino superior à distância é procurado por pessoas que tem singularidades e necessitam da flexibilidade de horários e de localidade para estudar. Além disso, precisam ser autônomos e comprometidos quanto à organização de uma rotina de estudos e ter conexão adequada para o acesso às aulas.

O ensino remoto foi inicialmente confundido com o Ensino à Distância, que ainda sofre preconceito por muitos estudantes e professores que tem no ensino presencial arraigada suas convicções quanto à construção do conhecimento, mas que posteriormente os alunos pesquisados constataram não ser facilitado e que exigia muito mais autonomia e empenho do estudante.

Diante das dificuldades apresentadas por eles durante o período de ensino remoto cabe destacar a falta de preparo para o uso de tecnologias, falta de desenvolvimento da autonomia com a responsabilidade pela construção de sua aprendizagem e o interesse em buscar outros meios para aprender, além do que lhes é oferecido na escola, pelos professores.

Cabe refletir ainda, como a escola tem preparado os jovens na busca de autonomia e para o ingresso no ensino superior? São-lhes proporcionadas situações para possam conhecer e decidir entre a modalidade presencial ou à distância? Será que os jovens que optam pela modalidade superior à distância não poderiam ter competências e habilidades, para estudar com autonomia, desenvolvidas ainda no Ensino Médio? Mudanças estão sendo propostas com o Novo Ensino Médio e uma delas insere uma parte na modalidade à distância. Poderá essa proposta modificar mais ainda os números de ingresso no Ensino Superior à distância? O tempo, com certeza, irá nos mostrar os efeitos e reflexos dessa pandemia e as escolhas desses jovens em um futuro próximo.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Ensino a distância se confirma como tendência - Censo Escolar da Educação Superior**. Brasília: MEC, 2019. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=como+referenciar+o+inep&oq=como+referenciar+o+inep&aqs=chrome..69j57j0i512j0i22i30.6358j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 11 dez. 2021.

CETIC. **Dificuldade dos pais para apoiar alunos e falta de acesso à Internet foram desafios para ensino remoto, aponta pesquisa TIC Educação**. 2021. Disponível em: <https://www.cetic.br/pt/noticia/dificuldade-dos-pais-para-apoiar-alunos-e-falta-de-acesso-a-internet-foram-desafios-para-ensino-remoto-aponta-pesquisa-tic-educacao/>. Acesso em: 23 out. 2021.

FONSECA, Roberto Carlo de. A Prática Docente a partir da Interatividade nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**. São Paulo, v. 9, p. 1-26, 2010. Disponível em: <http://seer.abed.net.br/index.php/RBAAD/article/view/222/100>. Acesso em: 11 dez. 2021.

HERMIDA, Jorge Fernando; BONFIM, Cláudia Ramos de Souza. A educação à distância: história, concepções e perspectivas. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, p.166–181, agosto, 2006.

O GLOBO. **Fechamento das escolas pela Covid-19 durou no Brasil o dobro da média mundial**. 24/01/2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/coronavirus/fechamento-das-escolas-pela-covid-19-durou-no-brasil-dobro-da-media-mundial-24853209>. Acesso em: 23 out. 2021.